

Economista do FMI inicia a nova auditoria terça-feira

Das sucursais

A economista chilena do Fundo Monetário Internacional (FMI), Ana Maria Jul, inicia na próxima terça-feira, no Banco Central, auditoria das contas brasileiras. O presidente do Conselho de Administração do Bradesco, Antonio Carlos Almeida Braga, previu ontem que tudo vai contribuir para a melhora das condições da renegociação da dívida externa dos países em desenvolvimento: "Estive em Nova York, na semana passada, e senti que o governo e os bancos norte-americanos e também os governos das demais nações industrializadas estão convencidos de que devem favorecer a renegociação. Os credores sabem que precisam dar flexibilidade à renegociação. Do contrário, todos vão sofrer. Eu acho que as discussões e os últimos acontecimentos também já fizeram a cabeça do FMI. O FMI também vai mudar".

Segundo Almeida Braga, "o mundo inteiro está percebendo que a realidade mudou". Por isso, considerou boas as possibilidades para o Brasil obter, na próxima etapa de renegociação da dívida a vencer a partir de 1985, prazos maiores e taxas menores. "Até o episódio do Continental Illinois que obrigou o governo norte-americano a injetar, abruptamente, US\$ 7 bilhões no banco, vai ajudar. Isso fez com que todos caíssem na realidade e o governo Reagan e o Federal Reserve dos Estados Unidos devem chegar a um acordo para coordenar as políticas fiscal e monetária de forma a evitar novas altas da **prime** — juros cobrados pelos bancos norte-americanos de seus clientes preferenciais" — afirmou o presiden-

te do Conselho de Administração do Bradesco.

Ao aceitar o adjetivo de otimista, Almeida Braga afirmou ter motivos para acreditar que o FMI venha a anunciar uma mudança de filosofia, já em sua próxima assembléia anual de setembro. "O FMI sabe que o ajuste das economias dos países endividados não pode ser uma coisa fria, e sim um negócio que leve em consideração outros dados além de simplesmente cobrar e receber o mais depressa possível."

Segundo o dirigente do Bradesco, os banqueiros internacionais entenderam a nota conjunta dos presidentes do Brasil, México, Argentina e Colômbia, divulgada no último sábado. "Eles acharam que os latino-americanos fizeram a coisa certa e até deveriam ter feito há mais tempo" — observou Almeida Braga. Em sua opinião, a sucessão presidencial não influenciará a **fase 3** de renegociação da dívida brasileira."

MELHORES CONDIÇÕES

O Brasil terá melhores condições de obter vantagens em taxas de juros e prazo, para a rolagem da sua dívida externa, na próxima rodada de negociações com as instituições do sistema financeiro internacional. Ao fazer a afirmativa, ontem, no Rio, o presidente da Federação Nacional de Bancos (Fenaban), Roberto Konder Bornhausen, disse que essa situação decorre da posição conjunta dos presidentes da Argentina, Brasil, Colômbia e México, cuja nota, destacando os perigos da elevação das taxas de juros internacionais, considerou de "grande importância, pois demonstra o começo de uma posição política dos países devedores na defesa do seu desenvolvimento".